

Famílias empresariais



**ISCTE
BUSINESS
SCHOOL**

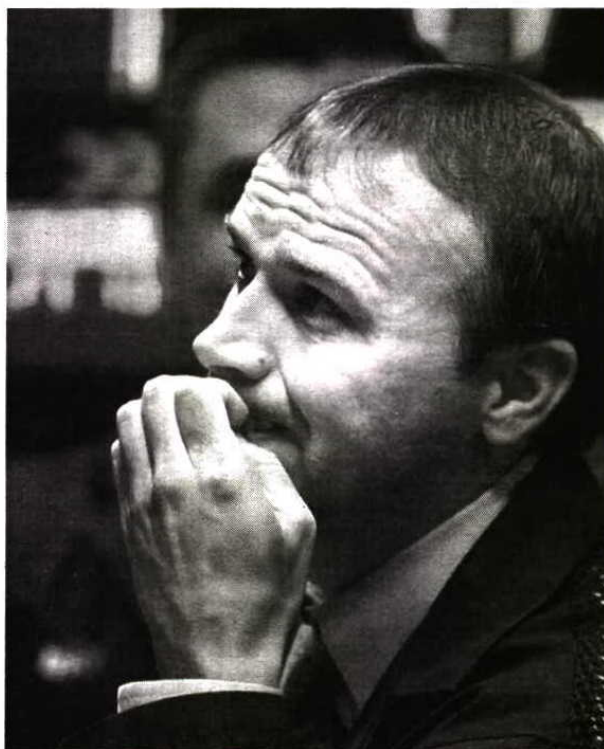
RUI ALPALHÃO

”

A acumulação bem sucedida de capital requer uma perspectiva de longo prazo e o conforto e a motivação de trabalhar para as gerações vindouras. Algo natural em famílias empresariais, um conceito com mais futuro do que as empresas familiares.

→ Joseph A. Schumpeter, nascido em 1883 na Morávia (hoje a parte oriental da República Checa, então parte do Império Austro-Húngaro) numa família aristocrática e falecido em 1950, foi provavelmente o maior economista do século passado. No seu país natal, foi Ministro das Finanças, professor nas Universidades de Graz e Bona e presidente de um banco. Publicou a sua primeira grande obra, “Teoria do Desenvolvimento Económico”, em 1911, aos 28 anos. Em 1932, logo após a subida de Hitler ao poder, radicou-se nos Estados Unidos, onde ensinou em Harvard e publicou, em 1942, o monumental “Capitalismo, Socialismo e Democracia”, ponto alto da sua carreira americana. Este livro inicia-se com uma admirável análise da doutrina marxista, que Schumpeter é insuspeito de professar, para passar à questão das possibilidades de sobrevivência do capitalismo. Não obstante a sua lúcida crítica da doutrina marxista, Schumpeter, escrevendo na ressaca da depressão de 1929, conclui da mesma forma que Karl Marx, relativamente ao futuro do capitalismo. Na secção final do capítulo que dedica às possibilidades de sobrevivência deste, sugestivamente intitulada “Decomposição”, ressalva com sagesa alguns factores que entende poderão constituir a esperança do sistema capitalista. Entre estes, destaca (tradução livre, ênfase nossa) “(...) a sobrevivência das tradições – e a propriedade familiar de posições de controle em empresas – que ainda fazem os executivos comportar-se como os proprietários-gestores de outrora (...)”.

Em Schumpeter, o controle da empresa com capital disperso por núcleos familiares não é uma limitação, mas antes a tábua de salvação que vislumbra para o sistema. Estamos muito longe da perspectiva depreciativa que os americanos chamam de “mom & pop companies”, empresas “familiares” no sentido de serem detidas e geridas por pessoas ligadas por laços familiares, tendencialmente com recurso nulo às modernas técnicas de gestão que os gestores profissionais aprendem nas escolas de gestão e aplicam nas grandes empresas de capital disperso, geridas por uma tecnocracia sem participação significativa no capital das empresas que administram, primeiro caracterizada (em 1932) no livro fundador do estudo da “corporate governance”, “The Modern Corporation and Private Property”



dos americanos Adolf Berle e Gardiner Means.

É verdade que às “mom & pop companies” pouco resta para além do fim às mãos da concentração e das economias de escala que necessariamente acompanham o crescimento económico. Sem pôr em causa este fado, Schumpeter via com preocupação, pelo impacto que entendia existir sobre o futuro do sistema capitalista, a progressiva perda do carácter pessoal da função de empreender. Para Schumpeter, a essência do capitalismo é um processo de transformação a que chamou inspiradamente “destruição criativa”, actividade que via como responsável pelos ciclos de expansão e recessão característicos do sistema capitalista. O especialista treinado para gerir não é treinado para inovar, mas sim para executar com eficiência, e eventualmente bloquear a visão criadora do empreendedor menos dotado tecnicamente, mas que não sofre de “paralysis by analysis”. A tecnocracia encarregue de gerir os grandes conglomerados tem um conflito de interesses claro com os accionistas, pois detém o controle da gestão sem deter a propriedade. Dos accionistas, mesmo dos maiores, não se poderá pedir que tenham a mesma atitude peran-

te as suas empresas do que os empreendedores que as fundaram, controlaram e geriram inicialmente. Nas palavras de Schumpeter (tradução nossa): “A sociedade anónima moderna, criação do processo capitalista (...) atrofia inelutavelmente o âmbito da motivação capitalista (...) e eventualmente matará as suas raízes”. O quadro de empresa moderno, treinado, e porventura condicionado, numa lógica de racionalismo individual, dificilmente acolherá a ética capitalista original de trabalhar para a acumulação futura de capital, mesmo que os benefícios a colher sejam colhidos por outrem. Esta lógica, se dificilmente pode sobreviver numa “Berle-Means corporation” com separação total de propriedade e gestão, pode, paradoxalmente, vingar em sociedades com escala e com o capital disperso, mas núcleos de controle familiares. A acumulação bem sucedida de capital requer uma perspectiva de longo prazo e o conforto e a motivação de trabalhar para as gerações vindouras. Algo natural em famílias empresariais, um conceito com mais futuro do que as empresas familiares.